



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS- LICENCIATURA

EUDIVAN DA SILVA SANTOS

RELAÇÕES RACIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO  
AUTOBIOGRÁFICO EM UMA ESCOLA NO NORTE DO TOCANTINS

Tocantinópolis –TO  
2020

EUDIVAN DA SILVA SANTOS

RELAÇÕES RACIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO  
AUTOBIOGRÁFICO EM UMA ESCOLA NO NORTE DO TOCANTINS

Monografia apresentada a UFT – Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis, ao curso de Ciências Sociais licenciatura, como requisito final para obtenção do título de graduada em Ciências Sociais.

Orientador. Prof. Dr. João Batista de Jesus Felix.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S237r Santos, Eudivan da Silva.  
Relações Raciais no Ambiente Escolar: Um estudo de caso autobiográfico em uma escola no norte do Tocantins . / Eudivan da Silva Santos. – Tocantinópolis, TO, 2020.  
47 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Ciências Sociais, 2020.  
Orientador: João Batista de Jesus Félix

1. Relações Raciais. 2. Ambiente escolar. 3. Racismo. 4. PIBID. I. Título

**CDD 300**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**


EUDIVAN DA SILVA SANTOS

RELAÇÕES RACIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO  
AUTOBIOGRÁFICO EM UMA ESCOLA NO NORTE DO TOCANTINS

Monografia apresentada a UFT – Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis, ao curso de Ciências Sociais Licenciatura, para a obtenção do título de cientista social licenciado.

Data de aprovação: 18/12/2020

Banca Examinadora:



Prof.<sup>a</sup> MSc Aline Campos



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karina Almeida de Sousa



Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição



Prof. Dr. João Batista Felix (Orientador)

Tocantinópolis –TO  
2020

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

Nelson Mandela

Em memória do meu querido irmão, Eugênio da Silva Santos, o qual sempre tive como um segundo pai, pela sua amizade, seu carinho e compreensão, por seu incentivo, mesmo nos momentos mais difíceis, por sempre ter estado ao meu lado, pela sua contribuição em minha formação que, de muitas maneiras deu impulsos fundamentais para a realização deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por ter me dado a oportunidade de viver e de ter saúde para ir em busca de meus objetivos.

Agradeço aos meus pais Iracy da Silva Santos e Ricardino Bezerra dos Santos pelo apoio, e compreensão em todos os momentos da minha vida.

Agradeço a minha esposa Alessandra Pereira de Freitas Sousa, pelo apoio na realização deste curso, pela compreensão e as inúmeras conversas que foram enriquecedoras na construção desse trabalho.

Ao meu orientador professor dr. João Batista de Jesus Félix, pela paciência e por me direcionar ao melhor caminho para a realização deste trabalho, por estar sempre contribuindo com a formação de minha identidade.

Ao(A)s professore(a)s coordenadore(a)s do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, à prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Liza Aparecida Brasília; à prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Karina Almeida de Sousa; professora MSc. Aline Campos e ao prof. dr. Wellington Conceição da Silva, que tanto colaboraram para a realização deste trabalho.

A toda a equipe do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que esteve comigo em todas as atividades do programa. Aos bolsistas: Marcos Coelho, Marcos Alves, Leidinalva, Larissa, Rafael, Luciano, Luziene, Poliana, Jamilson, Márcia, Laylson, Janeide e Elizete. Aos supervisores: Professor Carlos Antônio e Professor José Eduardo. Obrigada a todos pela cumplicidade e pelo compromisso com o Programa.

Ao meu amigo, discente Elvo Araújo, que sempre contribuiu com seu apoio e palavras de incentivo durante todo o curso de Ciências Sociais.

À minha amiga Cristiane Rosa de Oliveira, que sempre me incentivou para que eu não desistisse do curso, pela qual tenho grande admiração e enorme carinho por sua pessoa, uma mulher negra cheia de garra, sempre com seu carisma e palavras que nos fortalece.

A todos os professores e demais funcionários da Universidade Federal do Tocantins (Campus de Tocantinópolis), que de alguma forma, contribuíram com a minha formação. Sou grato por toda a contribuição que tiveram durante o processo de minha formação.

Aos amigos e amigas que de alguma forma colaboraram para que este trabalho se concretizasse, enfim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram na obtenção deste título. Muito obrigado!

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo analisar as relações raciais no ambiente escolar, especificamente no Centro de Ensino Médio Deputado Darcy Marinho, localizado no município de Tocantinópolis. Buscamos refletir sobre as mudanças que ocorreram nesta escola no período entre os anos de 2005, ano em que concluí o ensino médio, a 2015, ano em que retornei à escola como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Para que este trabalho pudesse ser realizado, utilizamos da minha própria experiência, com base num estudo de caso de caráter (auto) biográfico, primeiramente, enquanto aluno negro e pobre desta instituição, e posteriormente, retornando à mesma como estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins, bolsista do PIBID. Ao retornar à escola pudemos observar que houve mudanças significativas na forma como a escola passou a trabalhar a questão racial com os alunos, e na forma de pensar, tanto por parte dos alunos, quanto da comunidade em geral.

**Palavras-chave:** Relações Raciais. Ambiente escolar. Racismo. PIBID.



## **ABSTRACT**

This paper aims to analyze race relations in the school environment, specifically at the Deputy Darcy Marinho High School, located in the municipality of Tocantinópolis. We seek to reflect on the changes that took place in this school in the period between the years 2005, the year in which I finished high school, to 2015, the year in which I returned to school as a fellow in the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID). In order for this work to be carried out, we used my own experience, first, as a black and poor student at this institution, and later, returning to it as a student in the Social Sciences course at the Federal University of Tocantins, with a PIBID scholarship. The results obtained from this work were very positive, since upon returning to school we could observe that there were significant changes in the way the school started to work on the racial issue with the students, and in the way of thinking, both by the students, and of the community at large.

**Keywords:** Race Relations. School environment. Racism. PIBID.

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 RAÇA, RACISMO E PRECONCEITO.....</b>	<b>13</b>
2.1 Raça x Etnia.....	13
2.2 Racismo .....	14
2.3 Preconceito.....	17
<b>3 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO .....</b>	<b>18</b>
3.1 O cotidiano da escola Centro de Ensino Médio Deputado Darcy Marinho (2001 -2005) ...	20
3.2 A Universidade e o seu papel formativo: UFT/ PIBID .....	28
3.2.1 O PIBID.....	29
<b>4 RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO EM UMA DÉCADA .....</b>	<b>39</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O preconceito racial, dentro da sala de aula sempre existiu, seja ele de professore(a)s para com o(a)s aluno(a)s, do(a)s aluno(a)s para com o(a)s professore(a)s ou outro(a)s funcionário(a)s, ou mesmo de aluno(a)s para outro(a)s aluno(a)s, porém muitas pessoas ainda preferem acreditar que não existe. Neste sentido, torna-se importante destacar a questão negra, pois segundo Oliveira (2007, p.07) “[...] acredita-se que a escola é o local ideal para se propagar a discussão a respeito do preconceito racial [...]. Primeiramente porque na escola temos uma grande diversidade de pessoas, e por esta razão, está muito presente a questão do racismo e, em segundo lugar, porque a escola é um espaço de discussão, de conhecimentos e construção das relações étnico-raciais. É no espaço escolar, onde deveríamos começar a desenvolver nosso pensamento crítico em relação à diversidade.

Dentro deste cenário das relações raciais, devemos levar em consideração que muitos adolescentes afrodescendentes vêm sofrendo situações traumáticas relacionadas à questão racial na escola. Nos últimos anos tivemos muitos escritos sobre racismo, discriminação e desigualdades raciais, os quais levantaram muitas discussões importantes sobre o assunto, dentre elas, temos a questão de direitos humanos e cidadania. Esta se pauta pela existência da relação que há entre “raça” e vulnerabilidade social e considerando a educação como um campo de reprodução das desigualdades.

Não pretendemos aqui simplesmente mostrar que existe racismo na escola, pois apesar de sabermos que não há um consenso sobre essa questão do racismo na escola, e apesar de sabermos também que há quem ainda negue a existência dele, podemos dizer que a nossa sociedade já tem um mínimo de conhecimento sobre a existência do racismo no ambiente escolar. O presente trabalho foi desenvolvido a partir do reconhecimento do racismo no interior da sala de aula, pois, apesar de o Centro de Ensino Médio Deputado Darcy Marinho estar constantemente desenvolvendo trabalhos sobre discriminação racial, sabe-se que ela ainda está muito presente, e este fato não deve ser ignorado

O interesse pelo referido tema iniciou-se a partir de reflexões acerca de situações de discriminação racial por mim vivenciadas no cotidiano escolar, visto que minha trajetória escolar se deu na rede pública de ensino, desde a minha alfabetização até o ensino médio. E essas situações de discriminação racial nunca foram bem trabalhadas e resolvidas, junto a escola e muito menos junto à minha família, o que fez que com que eu demorasse a construir uma consciência crítica acerca das relações raciais.

Desde muito cedo, tive uma educação precária, sempre atrasada, em relação aos outros alunos, por ter o trabalho como prioridade e não a educação, pois, meus pais não tinham trabalho formal e eu, como um dos filhos mais velhos, desde os 8 anos de idade, tive que deixar a infância e assumir responsabilidades de adultos, deixando a escola para trabalhar e ajudar a sustentar os meus irmãos.

A ideia básica desta pesquisa é realizar uma reflexão acerca das relações étnico-raciais na instituição escolar Centro de Ensino Médio Girassol de Tempo Integral Deputado Darcy Marinho, principalmente no que se refere à formação do pensamento crítico dos alunos, levando em conta o contexto do racismo que sobrevive como ideologia de dominação na nossa sociedade, além de verificar se o preconceito étnico-racial existente no espaço escolar compromete a autoestima dos estudantes, tendo em vista que a instituição de ensino também é um espaço de relações e interações sociais, na qual a educação é um fator essencial na formação de indivíduos.

A partir do momento em que iniciei os estudos na Universidade Federal do Tocantins, no curso de Ciências Sociais Licenciatura, comecei a desmistificar e entender como se davam as relações raciais. Consegui me aceitar e assumir-me como pessoa negra e valorizar minha cultura, isso, devido às discussões que eram realizadas na Universidade. Assim como também pude reconhecer meu valor perante a sociedade, enquanto pertencente a dois grupos marginalizados no nosso país, negro e pobre.

Minha participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) fez com que meu interesse pelo tema aumentasse, além de me proporcionar o material teórico-metodológico necessário para que eu pudesse compreender como as relações raciais ocorrem no âmbito escolar e, a partir de disciplinas que abordavam os estereótipos veiculados pela ideologia da classe dominante, identifiquei-me com o tema e decidi aprofundar meus conhecimentos em relação ao mesmo, resultando na elaboração deste trabalho monográfico.

Assim como a educação pode ser um campo de reprodução de desigualdades, ela pode também ser um campo de desconstrução delas, pois, na medida em que a escola faz distinções entre alunos, por variados motivos, sejam eles cor da pele, etnia, cultura, religião, ela estará fortalecendo e ajudando a reproduzir essas desigualdades. Porém, quando a escola trabalha a temática com seus alunos e funcionários, propõe discussões relacionadas ao assunto e busca novas maneiras de romper com esse obstáculo, ela estará ajudando a desconstruir as desigualdades. Por isso, é necessário reconhecer a existência do preconceito racial, levando para o ambiente escolar discussões acerca deste tema.

Estruturei o presente trabalho em três capítulos, abordando no primeiro capítulo, algumas definições importantes de “raça”, “racismo” e “preconceito”. Em seguida, no segundo capítulo, procuro relatar minha experiência enquanto aluno do ensino médio da escola pesquisada entre os anos de 2001 e 2005; minha experiência no retorno à escola dez anos depois em 2015, agora enquanto estudante do curso de Ciências Sociais e bolsista do PIBID. No terceiro capítulo, elaboro uma comparação entre a escola em que cursei o ensino médio e esta nova escola de hoje, buscando mostrar as mudanças que ocorreram na mesma no decorrer desses anos e o que não mudou.

Este trabalho teve início com um levantamento bibliográfico, na busca de autores que trabalhassem com essa questão do racismo no ambiente escolar. Assim, foram feitas algumas reflexões sobre estes autores e, a partir daí começamos a estabelecer relações com minha experiência pessoal. O que torna este trabalho uma narrativa de experiência vivida.

Para a realização do presente trabalho o tipo de pesquisa utilizada, além da bibliográfica, foi o estudo de caso, e o método utilizado foi o (auto) biográfico, pois realizo uma narrativa da minha própria experiência de vida, enquanto aluno da escola objeto de pesquisa, e depois, enquanto acadêmico do curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Tocantins – Campus de Tocantinópolis.

O Estudo de caso segundo Severino (2007),

“É um tipo de pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta de dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral.” (SEVERINO, p. 121, 2007).

O estudo de caso contribui para compreendermos melhor os fenômenos individuais, os processos organizacionais e políticos da sociedade. É uma ferramenta utilizada para entendermos a forma e os motivos que levaram a determinada decisão. O estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que inclui um método que abarca tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados.

De acordo com Nóvoa e Finger (2010) a utilização do método (auto) biográfico nas ciências da educação é relativamente recente. Essa perspectiva metodológica surgiu inicialmente na Alemanha no final do século XIX, como uma alternativa sociológica ao positivismo. Aplicada pela primeira vez de forma sistemática em 1920 por sociólogos americanos da Escola de Chicago, logo despertou polêmicas em torno de sua epistemologia. Desde então, seu uso de forma autônoma tem sido reivindicado por estudiosos do método.

## 2 RAÇA, RACISMO E PRECONCEITO

### 2.1 Raça x Etnia

Seria pertinente ao nosso estudo uma explicação do termo “raça”, tão utilizado, porém, pouco compreendido, ou entendido de uma maneira equivocada. Segundo Hall,

“Raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e de exclusão – ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria (Hall, 1994). Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. Esse “efeito de naturalização” parece transformar a diferença racial em um “fato” fixo e científico, que não responde a mudança nem a engenharia social reformista. Essa referência discursiva à natureza é algo que o racismo contra o negro compartilha com o antissemitismo e com o sexismo (em que também “a biologia é o destino”), porém menos com a questão de classe. O problema é que o nível genético não é imediatamente visível. Daí que, nesse tipo de discurso, as diferenças genéticas (supostamente escondidas na estrutura dos genes) são “materializadas” e podem ser “lidas” nos significantes corporais visíveis e facilmente reconhecíveis, tais como a cor da pele, as características do cabelo, as feições do rosto (por exemplo, o nariz aquilino do judeu), o tipo físico etc., o que permite seu funcionamento enquanto mecanismo discursivo em situações cotidianas. (2006, p. 66)

O significado deste termo é frequentemente confundido com “etnia”, por serem muito utilizados para definição da cor da pele de indivíduos, ou para determinarem as características de um grupo por seus aspectos socioculturais.

De acordo com um artigo escrito por Santos, Palomare, Normando e Quintão (2010) sobre a diferença entre “raça” e “etnia”, o termo “raça” tem um significado distinto, muitas vezes utilizados para descrever um grupo de pessoas que compartilham certas características morfológicas.

Historicamente, a palavra “etnia” significa “gentio”, proveniente do adjetivo grego *ethnikos*, adjetivo derivado do substantivo *ethnos*, que significa gente ou nação estrangeira. É um conceito polivalente, que constrói a identidade de um indivíduo através do parentesco, da religião, da língua, do território compartilhado e da nacionalidade, além da aparência física.

Desta forma, entendemos que “raça” e “etnia” são dois conceitos ligados a campos diferentes, com significados distintos. A cor da pele, o tipo de cabelo, formato do nariz muito utilizada como característica racial, são características fenotípicas que compõem o conceito “raça”. Já a “etnia” refere-se ao campo cultural; um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas e culturais. Essas comunidades na maioria das vezes reivindicam uma estrutura social, política e um território.

Segundo Ramos e Santana (2011), o termo “raça”, etnologicamente, é atribuído a *ratio*, do latim, que significa sorte, categoria ou espécie. Até o século XVIII “raça” não tinha uma base científica como se consagrará no século XIX.

A ideia de “raça” surgiu nos séculos XVIII e XIX, a partir de trabalhos científicos. Para Munanga, (2000), no século XVIII, houve uma divisão das raças a partir da cor da pele, estas foram classificadas em três tipos, que são elas a “branca”, a “negra” e a “amarela”. Já no século XIX, acrescentaram características físicas como a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do crânio, ângulo facial etc., para o aperfeiçoamento da classificação das raças. Em meados do século XX, chegaram à conclusão de que a “raça” não é uma realidade biológica, neste momento “raça” perde seu estatuto científico.

Segundo Munanga (2000), o conceito de “raça” foi transportado da botânica e da zoologia, para a classificação das diversidades humanas servindo como meio operacional de hierarquização, para legitimar as relações de superioridade e de dominação entre seres humanos.

Assim podemos dizer que a crença na existência de “raça” e sua hierarquização é uma ideia de que há “raças” que são naturalmente inferiores e outras superiores, em uma relação fundada na ideologia de dominação.

## 2.2 Racismo

De acordo com Joel Rufino dos Santos:

“Racismo é a suposição de que há raças e, em seguida, a caracterização bio-genética de fenômenos puramente sociais e culturais. E também uma modalidade de dominação ou, antes, uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da nossa espécie. Ignorância e interesses combinados, como se vê (1990, p. 12).

Em se tratando do desafio da educação como estratégia na luta contra o racismo, Munanga afirma que:

“[...] não basta a lógica da razão científica que diz que biologicamente não existem raças superiores e inferiores, como não basta a moral cristã que diz que perante Deus somos todos iguais, para que as cabeças de nossos alunos possam automaticamente deixar de ser preconceituosas. Como educadores, devemos saber que apesar da lógica da razão ser importante nos processos formativos e informativos, ela não modifica por si o imaginário e as representações coletivas negativas que se tem do negro e do índio na nossa sociedade. Considerando que esse imaginário e essas representações, em parte situados no inconsciente coletivo, possuem uma dimensão afetiva e emocional, dimensão onde brotam e são cultivadas as crenças, os estereótipos e os valores que codificam as atitudes, é preciso descobrir e inventar técnicas e linguagens capazes de superar os limites da pura razão e de tocar no imaginário e nas representações. Enfim, capazes de deixar aflorar os preconceitos escondidos na estrutura profunda do nosso psiquismo.” (2005.p. 19)

Os pesquisadores brasileiros, Florestan Fernandes e Kabengele Munanga, entre outros que estudam as relações raciais e interétnicas empregam o conceito “raça”, mas apenas para explicar o racismo.

O racismo se manifesta de diferentes formas, desde atitudes no âmbito das relações individuais, às relações estruturais e institucionalizadas. Manifesta-se tanto em ações concretas de discriminação racial, que partem de indivíduos que pertencem a grupos sociais que são identificados por características físicas ou culturais superiores, como em atitudes de omissão frente a injustiças decorrentes da condição étnico-racial. O racismo é gerador de múltiplas violências, de guerras, de desigualdade racial, de perseguição religiosa, de extermínio. Ele pode estar subjacente a ideias preconceituosas e a práticas de discriminação, segregação, isolamento social e aniquilamentos.

Uma das expressões do racismo, também conhecido como discriminação indireta, é o institucional. O racismo institucional está presente em diversos espaços públicos. Está nas relações de poder instituído, expresso através de atitudes discriminatórias e de violação de direitos. Por estar, muitas vezes, naturalizado nas práticas cotidianas institucionais, naturaliza comportamentos e ideais preconceituosas, contribuindo, fortemente, para a geração e/ou manutenção das desigualdades étnico-raciais.

Racismo institucional é aquele tipo de racismo que sai da esfera pessoal e passa para um plano maior, ele acontece na esfera das instituições. Trata-se de uma forma diferenciada ou até mesmo segregadora de tratamento dada a alguns grupos, a partir de suas características físicas, tais como a cor da pele; tipo de cabelo. Essas distinções elaboram práticas discriminatórias ou segregadoras e acabam dificultando a participação e o acesso de determinados grupos a esses espaços.

Müller e Santos (2014), fazem uma discussão da presença ou ausência da história e cultura negra na escola. Eles afirmam que, “o espaço escolar é o lugar onde se constroem nos indivíduos a solidariedade necessária para a cidadania e o convívio social. Mas também é onde se constroem as intolerâncias e o racismo”. (p. 87)

Para Borges e Giorgi (2014), “as pessoas não nascem racistas. O racismo é uma construção social, psicológica, afetiva, cognitiva. Por acreditarmos nessa premissa, afirmamos que o racismo pode ser desaprendido e que a educação escolar se constitui um caminho efetivo para isso”. (p.167)



De acordo com estes autores entendemos que a educação tem seu papel de grande importância nas áreas das ciências humanas e sociais. Em que é capaz de promover grandes reflexões em busca de se compreender a realidade das relações raciais.

Para Munanga, (2014), “o racismo é tão profundamente enraizado no tecido social e na cultura de nossa sociedade que todo repensar da cidadania precisa incorporar os desafios sistemáticos à prática do racismo. Neste sentido, a discussão sobre os direitos sociais ou coletivos no sistema legal e por extensão no sistema escolar é importantíssima”.

Podemos perceber isso quando vemos que a população negra no Brasil tem a menor escolaridade, o menor acesso à sistema de saúde, menor salário, menor participação em cargos de poder, maior taxa de desemprego, maior índice de encarceramento, menos participação em cargos políticos, e são os que morrem mais cedo.

Hoje, podemos dizer que quase todo adulto negro tem alguma lembrança de um tipo de racismo que sofreu na escola.

A escola é a instituição formal responsável pela ampliação do conhecimento, porém, podemos nos questionar quais conhecimentos essa escola nos oferece? Pois, ao longo da história do Brasil, a escola negou uma ampliação de conhecimento, no que se refere à história da África, por exemplo.

Desde o início da história educacional brasileira, o acesso à Educação foi pensado de forma excludente, preconceituosa e racista, pois os interesses do grupo étnico europeu foram alimentados por meio de ações institucionalizadas. Esse fato fez com que se perpetuassem, até o momento, o preconceito e o racismo, individualizados e institucionalizados.

Em 2008 é sancionada a Lei 11.645/08, a qual altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.(BRASIL, 2008)

Uma vez que a pauta racial seja tratada na educação de forma séria e coerente, ela poderá ser uma grande chave de mudança nas relações étnico-raciais em nossa sociedade.

## 2.3 Preconceito

Segundo o dicionário de sociologia (1990):

“Preconceito é um conceito ou uma opinião previamente concebida. Em outras palavras, trata-se de um juízo feito sobre um indivíduo ou grupo social antes de qualquer experiência. O preconceito age a partir de uma simplificação, estabelecendo categorizações sociais através da criação de estereótipos. O preconceito funciona com base no princípio da generalização de todo o grupo alvo de preconceito: cada um dos seus membros, indistintamente, carrega as marcas estereotipadas que o estabelecem numa singularidade.” (BOUDON, 1990 Falta a página)

Para Antônio Olímpio de Sant’ Ana:

“Preconceito é uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade, tornando-se uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido, também, como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. (*In* MUNANGA, 2005, p.62)

Com base em estereótipos, as pessoas julgam as outras. Por isso o preconceito é um fenômeno psicológico. Ele reside apenas na esfera da consciência e/ou afetividade dos indivíduos e por si só não fere direitos. Ninguém é obrigado a gostar de alguém, mas é obrigado a respeitar os seus direitos (Conselho Estadual da Condição Feminina, 1994, p. 2 *apud* MUNANGA, 2005. P. 62).

### 3 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO

Este tema vem ganhando uma maior visibilidade na sociedade nos últimos anos. Pois atualmente os meios de comunicação tratam deste assunto com mais frequência. Como mostra Oliveira (2007), ao ver este assunto como muito importante de ser trabalhado nas escolas, ela aponta que o Governo Federal instituiu a Lei nº. 10. 639/2003, a qual torna o ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira obrigatório em toda escola de Ensino Fundamental e Médio. Desta forma essa decisão passa a valorizar a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira

“A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para os negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, a sua identidade e os direitos seus. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringem à população negra, ao contrário dizem respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. (BRASIL, 2013, p.37)

No entanto sabemos que a lei só sairá do papel se professore(a)s e aluno(a)s tiverem acesso à formação sobre a temática racial na educação. É necessário que todo(a)s o(a)s envolvidos com a educação sejam preparados para lidar com alternativas que ajudem a formar seres humanos que saibam conviver com as diferenças.

Munanga, 2014, versa sobre a importância da África para a compreensão das relações étnico-raciais na educação:

“Quem somos, de onde viemos e por onde vamos? esta é uma pergunta que todos os povos conscientes se fazem permanentemente, de geração em geração. É uma pergunta que tem a ver com as raízes culturais dos povos e com os processos de construção de nossa identidade nacional e de nossas identidades étnicas.” (2014, p. 25, 26)

Temos que ter em mente que durante todo o processo de construção da identidade nacional, que este processo começou há cerca de 500 anos, e não podemos esquecer que os povos africanos de diferentes nações, foram trazidos à força para serem escravizados aqui no Brasil e que a história dos africanos é totalmente diferente das nações europeias. É neste contexto histórico que temos que entender a chamada identidade negra no Brasil.

A herança cultural de todos os povos vindos para o Brasil forma a memória coletiva de nosso país, neste sentido, temos uma memória cultural plural e mestiça. Nesse contexto é que se coloca o problema, porque a herança cultural africana no Brasil nunca esteve em igualdade

com as outras heranças culturais tais como a europeia, a asiática, dentro do sistema educacional brasileiro.

Kabengele Munanga (2014), afirma; “Se assim fosse, não teria nenhum sentido a Lei nº 10.639, promulgada pelo presidente da República, 115 anos depois da abolição”. (p. 28) Ele também afirma que “não existem leis capazes de destruir os preconceitos que existem em nossas cabeças e provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas” (p. 29).

Quaisquer que sejam as formas de multiculturalismo, este está sempre relacionado com a política das diferenças e o surgimento das lutas sociais contra as sociedades racistas, sexistas e classistas e outras. Por isso, a discussão sobre o multiculturalismo deve levar em conta os temas da identidade racial e cultural para a formação da cidadania como pedagogia antirracista. A questão da identidade é de grande importância para equacionar os problemas da educação. Num país como o Brasil, ou melhor, em todos os países do mundo hoje plurais, as relações entre democracia, cidadania e educação não podem ser tratadas sem considerar o multiculturalismo. No entanto, cada país deve formular os conteúdos do seu multiculturalismo de acordo com as peculiaridades de seus problemas sociais, étnicos, de gêneros, de raça, etc. (TAYLOR, 1998, p. 94 *apud* MUNANGA, 2014, p. 30).

A escola é uma instituição social, que é responsável pelo processo de formação dos indivíduos, como também a sua socialização, a partir das relações e interações sociais. A escola tem o intuito de uma afirmação em relação ao acesso à igualdade, à capacidade crítica, ao mercado de trabalho, mas também é considerada como um mecanismo de exclusão social, e com base nesta perspectiva, de que a escola pode ser um mecanismo de exclusão social, partindo desse pressuposto, podemos dizer que a mesma também pode ser racista.

A Lei 10.639, precisa estar presente em todos os segmentos da educação, da creche ao ensino superior, nas instituições públicas e privadas. Ela não é uma lei que precisa ser aplicada exclusivamente para alunos negros, ela é uma pauta que faz parte da Lei de Diretrizes e Bases, ou seja, que é a lei máxima da educação, assim, ela precisa ser trabalhada com todos os seguimentos, em todas as esferas, pública ou privada.

É necessário chamar atenção para este aspecto, porque ainda existe a ideia de que esta é uma lei apenas para a escola pública, ou que é apenas para o ensino fundamental, mas percebemos que não se trata disso. Ela trata da implementação de diferentes conteúdos no currículo da escola e um currículo não se faz num projeto, ele é construído no decorrer de um ano letivo, do primeiro ao último dia de aula.

Assim, trabalhar a temática racial a partir de projetos, não é trabalhar a Lei 10.639, é apenas um começo. Então, para que o(a) professor(a) venha a conseguir ter uma postura antirracista, é necessário que ele(a) perceba essas relações, que ele(a) tenha uma formação crítica e mais sólida a respeito da temática racial. O que significa dizer que o(a) professor(a)

deve promover práticas que mostrem a potencialidade e a contribuição do povo negro na história do Brasil, que mostre que as relações raciais no Brasil é uma questão da sociedade brasileira como um todo, é preciso que se mostre que a questão racial não é uma pauta exclusiva do povo negro e sim da sociedade brasileira. O(A) professor(a) deve ser aquele(a) que vai mostrar para seus/suas aluno(a)s um caminho de emancipação, de resistência, e de existência mais igualitária. Porém o professor(a) também está imerso nessa sociedade racista, desta forma é necessário que este se desconstrua.

### **3.1 O cotidiano da escola Centro de Ensino Médio Deputado Darcy Marinho (2001 -2005)**



Fonte: Acervo pessoal da Escola Darcy Marinho (2013).

As instalações do Centro de Ensino Médio Deputado Darcy Marinho foram inauguradas no governo de Ary Valadão, no dia 24 de outubro de 1981, a escola recebeu este nome em homenagem ao Dep. Darcy Gomes Marinho. A partir de 1982 o colégio iniciou suas atividades escolares e só a partir de 1996 passou a oferecer, além do ensino fundamental o ensino médio regular, com ênfase na formação técnica em enfermagem

Todo o processo de minha formação da educação básica foi nesta escola pública, e foi constantemente marcado por estereótipos, por piadas e por brincadeiras pejorativas por parte dos colegas.

Iniciei o Ensino Médio em 2001, com 15 anos de idade. Neste período a escola contava com uma turma de 8ª série, no ano seguinte ela aderiu ao ensino médio: quatro turmas de 1º ano, três turmas de 2º ano e duas turmas de 3º ano, todas no período matutino, sendo que no período vespertino havia turmas de ensino fundamental e ensino médio e no período noturno somente turmas de ensino médio.

Eu, particularmente, iniciei o ensino médio, como aluno do 1º “B” matutino, as turmas eram divididas em 1º A, B, C e D, eram classificadas por algum(a)s professore(a)s como as turmas “boas” e as turmas “ruins”. As turmas de letra “A” eram sempre as melhores, as de letra “B” eram intermediárias e as turmas de letra “C e D” eram as “piores”, as mais “bagunceiras”, com aluno(a)s mais “desinteressado(a)s”, na opinião do corpo docente daquela instituição.

Outro fator bastante interessante para ser abordado neste trabalho é a forma de distribuição do(a)s aluno(a)s em turmas da mesma série. Quando eu fiz o primeiro ano do ensino médio eram realizadas da seguinte forma: no primeiro ano “A” se encontravam os aluno(a)s da região do centro da cidade em sua grande maioria; no primeiro ano “B” encontravam-se os aluno(a)s que residiam nos bairros próximos do centro deste município; no primeiro ano “C” e “D”, encontravam-se os aluno(a)s dos setores mais afastados do centro, os que moravam nos povoados do município de Tocantinópolis – TO, e aqueles que tinham a idade superior da média.

Neste sentido podemos nos perguntar quem são os moradores do centro da cidade? E aqueles que residem próximo do centro? E aqueles que moram em locais considerados periféricos? E, por último, os que moram nos povoados deste município? A partir do pensamento de Karl Marx, em relação aos sistemas de classes, quando ele afirma que a história da sociedade é a história da luta de classes, que na sociedade sempre existiu a divisão de classes entre opressores e oprimidos, burgueses e proletários. Podemos fazer uma arriscada comparação com o modo como eram divididas as turmas do(a)s aluno(a)s do CEM Darcy Marinho no ano de 2001. O(A)s aluno(a)s que moram no centro da cidade eram aqueles que pertenciam à classe burguesa ou que detinham capital cultural e econômico em nosso município. Os demais podemos dizer que são os proletariados, quanto mais distante são os moradores do centro da cidade, menor configura-se sua condição econômica em sua grande maioria. Desta forma, podemos perceber que a divisão das turmas era feita de acordo com a localidade de residência dos alunos, e por consequência, essa divisão acarretava numa divisão

por cor da pele, pois a maioria de negros da escola vinham dos bairros e povoados mais pobres do município.

Quanto à sua infraestrutura, essa escola contava com uma pequena biblioteca, uma videoteca, que era utilizada quando o(a)s professore(a)s queriam exibir um filme ou quando o(a)s aluno(a)s precisavam apresentar trabalhos, utilizando vídeos. Havia ainda um laboratório de informática, onde os professores ministravam aulas quando havia a necessidade do uso de computadores e onde os alunos podiam realizar suas pesquisas, mediante reserva anterior. Havia também uma quadra de esportes, onde eram realizadas as aulas práticas de Educação Física e também onde eram realizados os eventos da escola em datas comemorativas.

Uma vez na semana, havia um momento cívico, que se reuniam o(a)s professore(a)s, coordenadore(a)s e todos o(a)s aluno(a)s enfileirado(a)s, de acordo com suas turmas, na quadra esportiva, para ouvirem os informativos da semana, que eram repassados pela coordenação e pela direção, depois cantava-se o hino nacional e se rezava. Em caso de necessidade, se surgisse alguma informação urgente, poderia haver esse mesmo momento em mais de um dia na semana.

No momento da fila, todo(a)s o(a)s aluno(a)s tinham que ficar quieto(a)s e calado(a)s, bem alinhado(a)s e aquele(a)s que não se mantinham de acordo com essas regras, ou que chegavam na escola atrasado(a)s eram retirados de suas filas e formavam uma nova fila na frente de todos os outros alunos, quando acabavam os recados, todos eram direcionados para suas salas de aula, e o(a)s “bagunceiro(a)s e atrasado(a)s” continuavam na fila ainda por mais um tempo, como forma de castigo por não se comportarem bem, e para receberem uma bronca da diretora e do(a)s coordenadore(a)s, ou seja, eram usados como exemplo para o(a)s outro(a)s aluno(a)s.

Vale aqui destacar alguns pontos que sempre foram marcantes para o(a)s aluno(a)s do “CEM Darcy Marinho”, a começar pela “Rádio dos Estudantes”, na qual o(a)s aluno(a)s eram responsáveis pelo seu funcionamento, desde o que iria ser apresentado até quem iria apresentar os destaques tão esperados da hora do recreio/ intervalo das aulas, sempre alguma surpresa era esperada e anunciada.

Além disso, havia as chamadas “feiras culturais/ gincanas culturais” nas quais as turmas eram divididas de acordo com as séries, abrangendo várias temáticas e por sua vez divididas em subtemas/grupos. Atividade sempre muito esperada pelo(a)s aluno(a)s, que se divertiam com as exposições umas do(a)s outro(a)s, era sempre um show à parte com as divertidas apresentações teatrais, envolvendo as maiores e mais importantes obras literárias, danças coreografadas sempre usando músicas populares nas quais tinham que criar paródias dos temas mais inusitados, abrangendo uma temática trabalhada em sala de aula, o(a)s aluno(a)s sempre

foram a peça chave destes eventos, que contavam com sua participação desde a organização até o seu encerramento, eram um dos eventos que mais integrava professore(a)s e aluno(a)s, ambos se divertiam aprendendo e ensinando.

Se havia uma classificação do(a)s aluno(a)s de acordo com as turmas, havia uma classificação maior ainda de acordo com os turnos. O(a)s aluno(a)s do turno matutino, eram considerados os “melhores”, mais “inteligentes”, o(a)s aluno(a)s do vespertino estavam na média, e o(a)s aluno(a)s do noturno eram aquele(a)s que exigiam uma atenção diferenciada do(a)s professore(a)s, pois, em sua maioria, eram aquele(a)s que trabalhavam durante o dia e estudavam a noite, que já chegavam na escola cansado(a)s, desmotivado(a)s, muito(a)s dormiam na aula inteira, outros assistiam as primeiras aulas, e iam embora durante o intervalo. Por esse, e por vários outros motivos, o(a)s professore(a)s não exigiam muito do(a)s aluno(a)s da noite, e de certa forma, isso influenciava muito na aprendizagem desse(a)s aluno(a)s.

Durante o meu ensino médio, não havia discussão sobre o tema racismo no Centro Educacional Darcy Marinho, ninguém falava abertamente sobre esse assunto na escola. Na sala de aula, o máximo que se ouvia falar sobre o assunto era o que estava no livro didático, que só abordava a escravidão e forma muito superficial.

Algo interessante que me veio à memória, é que durante o ensino médio, a maioria do(a)s meus/minhas colegas negro(a)s não se aceitavam como tal, ou mesmo como afrodescendentes, na verdade, não lembro de ninguém que admitia ser negro(a), grande parte se auto declaravam moreno(a)s ou pardo(a)s. Durante minha experiência enquanto aluno daquela instituição escolar, observei que o(a)s professore(a)s, assim como o(a)s aluno(a)s não se identificavam como negro(a)s, eram raros aqueles que se auto declaravam desta maneira, algumas exceções foram o professor da disciplina de Geografia nos meus primeiro, segundo e terceiro anos; a professora de Língua Portuguesa e o professor de matemática, apesar deste não ter lecionado nas turmas que estudei, os demais professores, não se autodeclaravam negros, apesar de parecerem.

Quando se falava a palavra “negros” na sala de aula, havia um certo constrangimento, um desconforto entre aquele(a)s aluno(a)s que tinham uma certa identificação com traços da população afrodescendente, acredito que isso ocorria porque nem mesmo em casa, onde seria o local para começarmos a desmistificar o racismo, isso não acontecia, desde pequeno(a)s, somos ensinado(a)s que ser preto(a), não é algo bom, algo positivo, ser preto(a) é sinônimo de ser ruim. De certa forma, havia um desejo de desligamento com a negritude penso e vejo que tudo aquilo que tinha e tem uma certa aproximação com a cultura negra e africana era e é desprezada por grande parte da sociedade.



José de Arimatéia Gomes (1989), nos mostra como o negro é estereotipado na nossa sociedade:

“Existe toda uma sistematização cultural que passa o “branco” como sinônimo de “paz”, do lado “positivo da vida”, que branco é a graça de Deus, que é a cor do higiênico, é a cor do dia, enfim, é a cor do ouro. Com isso se torna quase automático admitir que os não-brancos são realmente inferiores.” (1989, p. 47)

Desta forma, o preto ou negro, representa sempre o lado negativo, é sinônimo de ruim, mal, sujo. O negro é sempre colocado no lugar de “ninguém”, do que “não tem valor”.

Era comum, no interior da escola os alunos utilizarem frases racistas para se referirem aos colegas negros, até mesmo de negro(a)s para negro(a)s, por exemplo: “Ela é da cor do Pecado”, “No mercado negro é mais barato.”. Esta prática dentro da escola era recorrente, sempre ocorria como forma de brincadeira, piada e ninguém dava muita importância, pois essas brincadeiras eram vistas como naturais.

Lembro-me de um colega negro, que muitas vezes os outros colegas faziam piadas dele dizendo por exemplo que “negro quando não caga na entrada, caga na saída”; ou quando fazia algo de errado, diziam: “só podia ser preto”. Era algo que ocorria com frequência, tanto na sala de aula como nos corredores da escola, ocorria principalmente na frente das meninas, com um padrão social estabelecido pela sociedade, que é a mulher branca, magra do cabelo liso, e que algumas vezes o mesmo acabava fazendo piadas de si mesmo para ser aceito dentro daquele grupo de colegas.

As brincadeiras racistas mais utilizadas na escola, que lembro, eram referentes ao cabelo das meninas negras, que os colegas costumavam dizer: “Se não fosse o cabelo, aquela menina seria bonita”, “Fulana parece que não tem pente em casa”, “Se ela fosse mais clarinha seria mais bonita”, “nega do cabelo de Bombril”, “nega do cabelo duro”, comentários estes que sempre circulava nos grupos dos meninos nos corredores da escola, quando um grupinho de meninas passava, ou fazendo referência a alguma aluna da sala de aula.

Gomes, 2002, nos mostra como esses apelidos que na maioria das vezes são iniciados nas escolas pelos colegas podem influenciar na nossa vida em sociedade.

“Esses apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência. A escola representa uma abertura para a vida social mais ampla, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos. Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos.” (2002, p.45)

De acordo com o autor citado anteriormente, as práticas cotidianas mostram para a criança e para o adolescente negro que o status social não é determinado somente pelo emprego, renda e grau de escolaridade, mas também pela posição da pessoa na classificação racial.

Em relação aos meninos negros, era sempre em relação às partidas de futsal durante as aulas de Educação Física “Aquele neguinho me acertou, no próximo jogo ele vai se ver comigo”, ou “Aquele neguinho tá se achando, fez um gol e já se acha o melhor”, ou até mesmo quando algum aluno se irritava com a média baixa em disciplinas de professores negros, ou levavam uma bronca de tais professores, faziam piadas deles como “Esse nego, macaco, feio, odeio a aula dele”.

No cotidiano escolar, a educação anti-racista visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados. Nela, estereótipos e ideias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente, docente etc.), precisam ser duramente criticados e banidos. [...] Nela é permanente o combate aos sentimentos de inferioridade e superioridade, visto que a palavra máxima da educação anti-racista é a igualdade entre os seres humanos. (Cavalleiro 2001, p. 150)

Ao adentrar o mês de junho havia a Popular Quadrilha da escola, era uma excitação dentro dos muros dela. Era o evento que mais chamava a atenção de todo(a)s. Participei por três anos, enquanto aluno dessa escola, e mais dois anos depois que saí dela, como convidado. Era uma Quadrilha temática, em que todo ano era apresentado um tema diferente.

Os ensaios aconteciam na quadra esportiva da escola, durante a noite, um mês antes ou mais tempo até do grande dia. Eram ensaios sigilosos, o que aumentava a expectativa de todos em relação ao tema, aos passos, ao figurino da Quadrilha, isso fazia com que no dia da apresentação, tivesse sempre um grande público. Era uma Quadrilha muito bem organizada e animada, pois, além de ser realizada dentro da instituição, a mesma participava da disputa que acontecia no quadrilhódromo de Tocantinópolis, localizado na Beira Rio. No “Festival de Quadrilhas”, ocorria a disputa entre as melhores Quadrilhas do município e das cidades vizinhas que vinham participar desta festa cultural no município de Tocantinópolis - TO.

No ano de 2003, devido à necessidade de trabalhar, iniciei o terceiro ano do ensino médio no período noturno, desistindo na metade do ano, por estar sempre cansado, devido passar o dia inteiro trabalhando como ajudante de pedreiro. No ano seguinte reprovei, mais uma vez, por ter que trabalhar e estar sempre cansado e sem tempo de estudar em casa, desta forma só consegui concluir o terceiro ano em 2005.

O primeiro ano em que participei como integrante da quadrilha, em 2003 com tema “Lampião e Maria Bonita”, não fui dançarino, eu apenas fazia parte da abertura da Quadrilha,

em que alguns alunos entravam simbolizando os escravos que eram libertos com outras no papel de Maria Bonita frente ao “cangaço”.

No meu segundo ano de Quadrilha, em 2004, tive a oportunidade de fazer parte do grupo de dançarino(a)s, o tema abordado foi “Preservação do Meio Ambiente”, em que tivemos uma configuração no figurino, os rapazes de camisas brancas com desenhos de animais estampadas e calças verdes e as meninas estavam com vestidos brancos com detalhes azuis e verdes, como forma de representar o meio ambiente. As coreografias e as músicas eram sempre relacionadas ao tema da Quadrilha.

No ano de 2005, tivemos uma quadrilha com o tema “Lampião: Herói ou Vilão?”, uma das maiores e melhores apresentação de todas, até então já realizada pelo CEM Darcy Marinho, como muitos afirmaram, tanto pelo(a)s organizadore(a)s como o(a)s dançarino(a)s e o público externo.

A partir de 2005 a Quadrilha do Darcy Marinho passou a ser apresentada de uma forma diferente das quadrilhas tradicionais uma nova forma de dançar quadrilha. Os passos tradicionais davam lugar a uma apresentação coreografada, a dança era ditada pelo ritmo das músicas, as quais eram escolhidas de acordo com o tema, e a cada música que se iniciava, dava-se início a um novo passo.

Nas quadrilhas tradicionais havia uma pessoa que era chamada de “puxador”, ou “marcador”, era aquele(a) que puxava a quadrilha ou marcava os passos, era aquela pessoa que apitava ou gritava quando se tinha que iniciar um novo passo.

Com essa nova proposta de quadrilha, o mesmo deixou de ser o puxador para ser o animador, tendo ao seu lado a presença de uma figura feminina, que era a rainha da quadrilha, os dois eram destaques do grupo, seus figurinos eram diferenciados dos demais dançarinos, e estes dançavam destacados do grupo.

A proposta do Darcy Marinho foi apresentar uma Quadrilha inovadora. Os vestuários utilizados pelo(a)s dançarino(a)s, chamavam bastante a atenção com os seus chapéus de couro, suas sandálias de couro, em punho com espingardas de madeira, feitas exclusivamente para aquela Quadrilha com seus mocós e suas cartucheiras e suas roupas eram parecidas com a de um cangaceiro. Neste mesmo ano a escola foi campeã do “Arraiá da Alegria” de Tocantinópolis – TO. Após este festival, fomos convidados a fazer uma apresentação em Palmas, capital do estado do Tocantins e outra em Goiânia, capital do estado de Goiás, de onde surgiu Tocantins.

Hoje podemos descrever esta escola, como uma instituição muito diferente daquela em que estudei a 15 anos atrás. Diferente em termos de estrutura física, do quadro de professore(a)s, enfim, um novo modelo de instituição, até mesmo o nome da escola foi modificado, passou a

denominar-se Centro de Ensino Médio Girassol de Tempo Integral Deputado Darcy Marinho (CEMGTI Deputado Darcy Marinho).

De acordo com informações retiradas do PPP da escola, atualmente, esta conta com cerca de 343 alunos matriculados, distribuídos da seguinte forma: quatro (04) turmas de 1ª Série Ensino Médio Integral, com um total de 126 discentes; três (03) turmas de 2ª Série Ensino Médio Integral, com um total de 81 discentes; duas (02) turmas de 3ª Série Ensino Médio Integral, com um total de 57 discentes e quatro (04) turmas do Ensino Médio Técnico em Enfermagem, com um total de 76 discentes.

Esta escola atende aluno(a)s dos diversos bairros da cidade de Tocantinópolis, incluindo aluno(a)s dos povoados, localizados na zona rural que cercam a cidade, dentre os quais podemos destacar o povoado Folha Grossa.

Atualmente o CEMGTI Deputado Darcy Marinho, está sob a direção de Suelene Gomes Silva, a escola possui um quadro de cinquenta e um (51) funcionários distribuídos da seguinte forma: vinte e sete (27) professore(a)s, seis (06) Auxiliares de Serviços Gerais (ASG), seis (06) Merendeiras, três (03) Vigias, duas (02) Coordenadoras de cultura, dois (02) coordenadores pedagógicos, um (01) porteiro, um (01) secretário geral, uma (01) orientadora pedagógica, um (01) Assistente Administrativo e uma (01) Coordenadora de Merenda.

O espaço Físico do Colégio encontra-se em bom estado de uso e conservação, amplo e adequado para atender a demanda de aproximadamente quatrocentos (400) aluno(a)s. Ao longo desses anos a escola passou por grandes reformas em sua estrutura física, para melhor atender seus alunos. Destaca-se que a partir de agosto de 2013 ela passou a não mais oferecer ensino na modalidade Ensino de Jovens e Adultos (EJA), ficando somente com o ensino Técnico de Enfermagem e o Médio Integral.

Quanto as características físicas ela é murada, possui estacionamento para motos e para bicicletas, há bancos e cadeiras de espera nos corredores. Nas partes internas estão distribuídas em nove (09) salas de aulas, que atendem o(a)s aluno(a)s do ensino Médio Integral, quatro (04) salas de aulas que atendem o(a)s aluno(a)s do Curso Técnico de Enfermagem, duas (02) salas de depósitos de material de multimídia, um (01) Laboratório de Matemática, um (01) Laboratório de Biologia, um (01) Laboratório de Química, um (01) depósito de Merenda, uma (01) Sala de Dança/Teatro, uma (01) sala de Artes Marciais, uma (01) sala de Orientação Pedagógica, uma (01) Biblioteca, uma (01) Sala de Professore(a)s, uma (01) Secretária, uma (01) sala de Coordenação, quatro (04) Banheiros, dois (02) para o(a)s professore(a)s e demais funcionários da escola sendo um (01) feminino e um (01) masculino e mais dois (02) Banheiros

para os discentes um (01) feminino e um (01) masculino, dois (02) Bebedouros e, um (01) Refeitório. A Escola conta também com uma Quadra Poliesportiva coberta.

### **3.2 A Universidade e o seu papel formativo: UFT/ PIBID**

Depois que iniciei o curso de Ciências Sociais Licenciatura passei a olhar com outros olhos para muitas questões, que no ensino médio pareciam “normais”. Comecei a entender conceitos muito utilizados, mas pouco entendidos e pouco discutidos na escola, aprendi a ficar atento a questões relacionadas ao racismo no meu dia a dia, inclusive dentro da minha casa, e assim, pude notar que muitas vezes nós mesmos, o(a)s negro(a)s, temos uma visão racista sobre nós, por falta de conhecimento, por não conhecermos nossos direitos e de tanto convivermos com o racismo nos acostumamos e passamos a aceita-lo como verdade, como normal brincadeiras e piadas de cunho racista.

Na universidade foi onde comecei a desmistificar até mesmo minha própria concepção de racismo, foi a partir de minha própria experiência que surgiu a vontade e a curiosidade de entender como acontecem essas relações raciais no ambiente escolar, o que mudou, o que continua igual, enfim, compreender melhor todo esse processo.

Dentro da Universidade, foi a primeira vez que pude participar das discussões relacionadas às questões étnico-raciais, sobre o racismo e o preconceito racial, foi em uma das disciplinas ministradas pela Prof.<sup>a</sup> MSc. Karina Almeida de Sousa, nas disciplinas "História da África e Cultura Afro-brasileira.”

Nesta ocasião esta disciplina fazia parte da grade curricular como uma disciplina “optativa” do curso de Ciências Sociais. A partir daí surgiu o meu interesse pelas questões raciais, em busca de um aprofundamento do conhecimento em relação a essas questões.

Comecei a participar de eventos relacionados ao tema com mais frequência, como a Semana da Consciência Negra (SECONE), que ocorre na semana do 20 de novembro, passei a frequentar o “Cineclube da UFT em Tocantinópolis”, nos finais de semana e também as reuniões do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Africano (NEAF), ambos coordenados pelo Professor Dr. João Batista de Jesus Felix, antropólogo do curso de Ciências Sociais.

### 3.2.1 O PIBID

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) teve início no ano de 2006 nas Instituições Federais de Ensino e no ano de 2009 foi introduzido como política de Estado relacionado à formação de professores em todo o país, por meio do Decreto nº 6.755 de 29 de janeiro de 2009 (BRASIL, 2009). O PIBID tem por objetivo incentivar a iniciação à docência por meio de ações didático-pedagógicas que aproximem o licenciando da realidade escolar, articulando ensino superior e educação básica.

A partir da Portaria Normativa nº 38 de 12 de dezembro de 2007, da Capes (BRASIL, 2007) e da ação conjunta entre Ministério da Educação (MEC), sua Secretaria de Educação Superior (SESU) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o programa se consolidou.

O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvida por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didáticas pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola. (BRASIL - Capes, 2014).

O objetivo do PIBID é promover a integração entre educação superior e educação básica das escolas estaduais e municipais. A intenção do programa é melhorar o ensino nas escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) esteja abaixo da média nacional.

Percebe-se, portanto, a grande importância que tem o PIBID no seu papel de fortalecimento da formação docente. O mesmo tem grande relevância acadêmica porque nos tem oportunizado conhecer mais a fundo a realidade no ambiente escolar, o que não ocorre com todos os discentes do curso de Ciências Sociais Licenciatura do *campus* de Tocantinópolis – TO. O PIBID, no curso de Ciências Sociais, especificamente, possibilitou que na graduação tivéssemos a oportunidade de vislumbrar a complexidade e diversidade dos sujeitos da educação básica. Não há dúvidas de que o PIBID foi uma ferramenta fundamental no processo de nossa formação e aprendizagem.

Entretanto, além da sua importância acadêmica, este programa possuía também uma relevância social. O PIBID era uma forma de aproximar a escola da Universidade através das suas atividades desenvolvidas.

O estudante participante do programa de iniciação à docência tem a oportunidade de aprofundar a sua formação acadêmica, pois, o mesmo possui um contato mais frequente com a escola, ou seja, com a realidade que ele terá que se deparar quando estiver formado. Assim, os bolsistas passam a ter um contato mais frequente com eles, facilitando o seu aprendizado e contribuindo para o aperfeiçoamento educacional dos alunos que têm acesso ao PIBID.

Através da experiência vivenciada na escola por meio do PIBID, os futuros docentes podem rever seus objetivos, suas contribuições para a educação básica.

Em relação à experiência docente, Tardif (2010), afirma que:

A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional. Ela filtra e seleciona os outros saberes, permitindo assim aos professores reverem seus saberes, julgá-los e avaliá-los e, portanto, objetivar um saber formado de todos os saberes retraduzidos e submetidos ao processo de validação constituído pela prática cotidiana (TARDIF, 2010, p. 53).

O PIBID nas Ciências Sociais, especificamente no grupo em que eu fazia parte, tinha como foco principal discutir sobre a diferença, a partir das relações raciais, de gênero e étnicas. Por este motivo quero focar neste trabalho as relações raciais no ambiente escolar, a partir de minha experiência enquanto bolsista no CEMGTI Deputado Darcy Marinho, por meio, da adoção de uma gama de atividades desenvolvidas com o objetivo promover a desnaturalização das relações raciais dentro da instituição de ensino e também proporcionar alternativas relacionadas à estética negra e à importância de sua representatividade e nesta perspectiva envolver os alunos e bolsistas em projetos que contemplem a temática racial.

Em 2014, adentrei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), sob supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liza Aparecida Brasília, socióloga, do curso de Ciências Sociais Licenciatura, a mesma já estava realizando uma aproximação entre a Universidade e a instituição escolar com bolsistas anteriores, dando assim, continuidade com o trabalho que já vinha sendo realizado, com os novos bolsistas.

Neste período, o foco principal do PIBID ainda não era a questão racial e sim o uso do livro didático e os Parâmetros Curriculares nacionais (PCNs) do ensino médio. Nosso objetivo era saber como aquela instituição escolar estava utilizando estes instrumentos, para, em seguida, analisarmos os conteúdos que estavam sendo abordados pelo(a)s professore(a)s de sociologia do ensino médio.

Em 2015 passamos a ser supervisionados pela, na época, Prof.<sup>a</sup> MSc. Karina Almeida de Sousa, também socióloga do curso de Ciências Sociais Licenciatura. Neste mesmo ano realizamos uma exposição fotográfica sobre o “Paiz Timbira”, dos povos remanescentes da Nação Timbira, que ocupam o território do cerrados do norte do Tocantins e Sul do Maranhão.

A exposição "O Paiz Timbira" teve o objetivo de divulgar e enaltecer o patrimônio cultural dos povos Timbira e a sua relação sustentável com o cerrado.

Timbira é o nome que designa o conjunto de povos formados pelas etnias Krahô, Gavião-Pykobjê, Krikati, Apinajé, Canela-Apãniekra, Canela-Ramkokamekra, Kreje, Krepynkatejê, Gavião-Pàrcatejê. Os grupos Timbira estão localizados nos estados do Maranhão, Pará e Tocantins e podem ser identificados pelas suas características comuns, como a língua, o corte no cabelo, as rodela auriculares, a aldeia circular e a corrida de toras. Atualmente, a população Timbira está numa estimativa de 10 mil pessoas, distribuídas em 63 aldeias e 7 terras indígenas. (com informações do Livro O Paiz Timbira, do Centro de Trabalho Indigenista e Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxyj Hëmpejxà).



Imagem 4: Exposição Paiz Timbira - UFT (Campus de Tocantinópolis) Fonte: Dirceu Leno

Esta exposição foi realizada nas dependências do campus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins (UFT), ocorreu entre os dias 07 e 17 de abril de 2015, em que foram convidadas as escolas CEMGTI Deputado Darcy Marinho e a Escola Estadual José Carneiro de Brito, para prestigiar o evento.

Em 2016 foram ofertadas mais vagas para bolsistas do PIBID do curso de Ciências Sociais, o qual passou a ser dividido em dois grupos, que foi “O PIBID diversidade”, do qual eu fazia parte e “O PIBID Indígena”, sob a supervisão do prof. dr André Luís Campanha Demarchi, antropólogo do curso de Ciências Sociais Licenciatura. O primeiro projeto trabalhava a questão das diferenças, a partir das relações raciais, étnicas e de gênero.

Começamos a abordar as questões raciais vivenciadas no cotidiano escolar através das experiências adquiridas dentro das atividades do PIBID. Iniciamos traçando algumas estratégias, tais como atividades que envolvessem aluno(a)s, professore(a)s daquela instituição



educacional e bolsistas do PIBID, para discutirmos assuntos referentes às relações raciais nas escolas de ensino médio do município de Tocantinópolis – TO. Essas atividades tinham como objetivo, levar a discussão das relações raciais para o ambiente escolar e depois expandir para a comunidade em geral. Trabalhávamos com as escolas CEMGTI Deputado Darcy Marinho e a Escola Estadual Professor José Carneiro de Brito, ambas na área urbana.

Percebemos que mesmo que houvesse no currículo escolar destas instituições a discussão sobre as relações raciais e a história dos afro-brasileiros, percebemos que aquelas escolas ainda possuíam diferentes níveis para a efetivação desse debate. Um dos possíveis motivos, levantado por nós, referia-se às demandas de conteúdos de outras disciplinas que abrangeriam toda a carga horária escolar do(a)s professore(a)s e o(a)s mesmo(a)s possuíam dificuldades no foco em apenas uma temática.

Para abordarmos a temática racial no contexto escolar tornou-se necessário um aprofundamento teórico com vistas ao diálogo com as dinâmicas racistas e discriminatórias disseminadas e perpetuadas na sociedade brasileira. A atuação do PIBID das Ciências Sociais nesta escola possibilitou uma maior articulação entre o(a)s bolsistas e o(a)s aluno(a)s do ensino médio e assim viabilizando a discussão e tornando os debates proveitosos para o enfrentamento e a desconstrução dos estereótipos relacionados a população negra.

Durante o período em que a professora Karina Almeida de Sousa esteve como nossa supervisora tivemos os primeiros contatos com o(a)s aluno(a)s da instituição escolar CEMGTI Deputado Darcy Marinho, na oportunidade tivemos uma roda de conversa com o(a)s aluno(a)s do primeiro ano do ensino médio a respeito do “racismo no futebol”, pensamos que seria a melhor forma de abordar esta questão, já que o futebol é um tema bem recorrente entres os jovens do ensino médio, pela faixa etária da grande maioria deles. De certa forma foi bastante proveitoso este ciclo de debates.

Outra atividade de grande relevância para aquela instituição escolar, assim também como para nossa sociedade, em especial para nosso município, foi a “Semana da Consciência Negra”, que é comemorada na semana do dia 20 de Novembro, esta data foi oficialmente instituída pela lei nº12.519, de 10 de novembro de 2011, data que é feriado em muitos municípios do Brasil, destacando Tocantinópolis. Esta data é dedicada à reflexão sobre o papel e a inserção do negro na nossa sociedade. A escolha do dia 20 de novembro aconteceu porque nesta data foi assassinado Zumbi, líder do Quilombo de Palmares, um dos maiores líderes negros do Brasil que lutou pela libertação de seu povo da escravidão no Brasil.

O dia da Consciência Negra foi uma grande conquista, porém, muitos brasileiros não sabem quem foi Zumbi dos Palmares:

“Zumbi, de origem bantu, foi o último Comandante do Quilombo de Palmares; é celebrado na experiência pan-africana do Brasil como o primeiro herói do pan-africanismo. Não apenas Zumbi, mas todo o povo heroico de Palmares deve ser reconhecido e celebrado pelo pan-africanismo mundial como exemplo militar e fundador do próprio movimento pan-africanista” (NASCIMENTO, 2002, p.57)

A escola passou a trabalhar o tema não só no dia 20 de novembro, mas durante toda a semana do dia 20, com uma diversidade de atividades desenvolvidas pelo(a)s aluno(a)s e professore(a)s da escola, tais como: caminhadas; palestras; organizações de peças teatrais e festivais de talentos com músicas, poemas e danças, utilizando-se de toda a riqueza cultural negra que o país possui, tudo para que a comunidade, de um modo geral, não se esqueça da importância de se discutir as relações étnico-raciais dentro do ambiente escolar, estas atividades foram abertas ao público externo.

A partir de então, a semana da consciência negra passou a ser uma atividade especial para a escola e para a sua comunidade em geral. Ela é aguardada com entusiasmo pelo(a)s aluno(a)s, o que podia ser notado no empenho que os mesmos mostravam ao se prepararem para o evento, com suas coreografias, suas músicas, seus poemas, para apresentarem no festival de talentos.

Nesta perspectiva o dia 20 de novembro é uma data de lutas da população negra. Vale ressaltar que um dos primeiros grandes movimento negro no Brasil ocorreu em 1910, na Marinha brasileira comandada pelo marinheiro negro, cujo nome é “João Candido Felisberto”, também conhecido como “Almirante Negro”, que ficou conhecido como a “Revolta da Chibata”. Tudo aconteceu porque na Marinha brasileira, daquela época, os marinheiros eram punidos com chibatadas, que lembrava o tempo da escravidão.

Em 2016, já sob a supervisão do prof. Dr. Welington Conceição da Silva, sociólogo do Curso de Ciências Sociais Licenciatura, as principais atividades que foram realizadas pelo “PIBID Diversidade”, no CEMGTI Deputado Darcy Marinho, foram a partir de datas comemorativas que já estavam inseridas no Plano Político Pedagógico (PPP) daquela escola.

Sob a supervisão do prof Drº Welington Conceição Silva desenvolvemos a Exposição “Afro representatividade – literatura e música”: Educando para Desnaturalizar Preconceitos.

O principal objetivo dessa exposição, foi:

[...] mostrar como a literatura produzida por homens negros e mulheres negras tem uma grande importância no Brasil e no mundo. São escritos que abordam temas relacionados à discussão racial e a diáspora africana, mas que também incluem escritos de ficção renomados e poesias de valor estético altamente reconhecidos.

Fizemos uma seleção de 18 autores<sup>1</sup>: alguns naturais de outros países, autores brasileiros com reconhecimento nacional e outros que são filhos dessa nossa região (Bico do Papagaio – Tocantins – ou outras cidades próximas) ou que nela atuam. Levamos para a exposição textos acadêmicos, poesias, romances, contos, músicas, entre outros. Optamos por incluir as músicas por reconhecê-las também como uma forma de produção literária. A amplitude dessa exposição teve o intuito de mostrar que, em toda forma de produção literária, existe uma importante contribuição protagonizada por esses homens e mulheres e que ainda é desconhecida ou desvalorizada nas escolas e nas universidades. (CONCEIÇÃO, et al, 2017)

A referida exposição foi uma experiência extremamente enriquecedora, tanto para os acadêmicos quanto para os alunos do Ensino Médio das duas escolas nas quais o projeto foi desenvolvido

A primeira exposição aconteceu no Colégio Estadual Professor José Carneiro de Brito, com poucos visitantes, porém os poucos que visitaram, gostaram do que viram, até mesmo porque a maioria deles não sabia ou conhecia o trabalho dos escritores da região. Como afirma Conceição *et al.*:

“Os professores gostaram bastante da exposição, pois, segundo os mesmos, é extremamente importante mostrar como os negros representam bem na arte da literatura e música, pois, o que muitas vezes temos no senso comum é uma representação dos homens negros e das mulheres negras como inferiores e incapazes de crescerem intelectualmente.” (CONCEIÇÃO, et al 2017)

Sendo assim a partir das datas propostas incluímos um recorte da temática racial. A exposição foi realizada nas duas escolas conjuntamente com o evento do “Dia D da Leitura”, 12 de outubro de 2016, onde destacamos o(a)s “escritores negro(a)s”, no qual nós, bolsistas do PIBID, do curso de Ciências Sociais, tivemos que apresentar para o(a)s aluno(a)s e professore(a)s daquelas instituições escolares, as vidas e obras de escritore(a)s negro(a)s do município de Tocantinópolis – TO. Sendo que um destes escritores, era um dos professores das duas escolas, o senhor Carlos Antônio de Oliveira Sousa, nascido em 06 de outubro de 1976, em Tocantinópolis – TO, licenciado em Geografia, desde 2001, pela Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS), campus de Araguaína – TO.

---

<sup>1</sup> Foram apresentados os seguintes autores/compositores na exposição: Albert Chinualumogu Achebe; Zora Neale Hurston; Kabengele Munanga; Stuart Hall; Abdias Nascimento; Maria Firmina dos Reis; Carolina Maria de Jesus; Joaquim Maria Machado de Assis; João Batista de Jesus Felix; Milton Almeida dos Santos; Carlos Antonio de Oliveira Sousa; Maria da Consolação Santos Brito; Aldenor Alves Bandeira; José Salgado Santos; Angenor de Oliveira (Cartola); Elza Soares; Gilberto Gil; Jorge Mario da Silva (Seu Jorge).



Fig. 2 – Equipe do PIBID e visitantes da exposição “Afro representatividade” no Colégio Professor José Carneiro de Brito. Foto: Klisma Sousa Martins.

O professor Carlos Antônio de Oliveira Sousa participou da Pastoral da Juventude, do Movimento “SOS UNITINS”, movimento exitoso que conquistou a federalização daquela instituição estadual, hoje denominada Universidade Federal do Tocantins – UFT e escreveu vários artigos para o jornal do Centro Acadêmico de Geografia. Tendo como suas principais obras literárias “Repensando o Turismo em Tocantinópolis: Críticas e Possíveis Viabilidades”, Editora Kelps, 2007, “Tocantinópolis: 150 Anos de Urbanização”, Editora Kelps, 2008 e “Tocantinópolis Esporte Clube: 20 Anos de Glórias e Vitórias”, Editora Kelps, 2009. Todas estas obras foram relançadas no Café Literário do Salão do Livro do Tocantins, ocorrido na capital Palmas.

Este mesmo professor também atuou como supervisor do PIBID pela instituição escolar, foi um dos poucos que sempre se autodeclarou negro e também era um dos alvos das piadas preconceituosas do(a)s aluno(a)s nos corredores como; “neguim, macaco, feio, etc.”. Houve um grande impacto, tanto no(a)s aluno(a)s como também no(a)s professore(a)s, quando apresentamos a grande quantidade de escritore(a)s negro(a)s no Brasil, no estado e no Município de Tocantinópolis.

Houve uma segunda exposição “Afro Representatividade”, agora no CEM Darcy Marinho, esta já atingiu um maior número de visitantes, os alunos fizeram perguntas sobre os autores, tiraram fotos e se mostraram interessados pelo trabalho desenvolvido.



Fig. 3 - Alunos visitando a exposição “Afro representatividade” no Centro de Ensino Médio Darcy Marinho. Fonte: Página do facebook do CEM Darcy Marinho.

No ano de 2017 foi realizada uma segunda exposição sobre o “Paiz Timbira”, sob a supervisão do docente Welington Conceição da Silva, em parceria com o docente doutor Rafael da Silva Noletto, antropólogo também do curso de Ciências Sociais Licenciatura, então supervisor do “PIBID indígena”. Nesta exposição foram convidadas para visitar a exposição todas as escolas do município, tanto da rede municipal quanto da rede estadual.

Por fim, passamos para a supervisão da docente Aline Campos, mestre em Educação do curso de Pedagogia. Sob sua supervisão realizamos algumas atividades, entre elas, podemos destacar o projeto “trocas de cartas” que foi um intercâmbio entre o(a)s aluno(a)s da instituição escolar urbana CEM GTI Darcy Marinho e a instituição Escolar Indígena Matyk. Nesta atividade, os alunos procuravam conversar sobre seus cotidianos através de cartas. Tal atividade culminou com um encontro realizado entre os alunos de ambas as escolas. A atividade possibilitou uma prática pedagógica abrangente e enriquecedora entre a Escola Estadual Indígena Matyk, localizada na Aldeia São José, e o CEM GTI Darcy Marinho, localizado na área urbana de Tocantinópolis.

Neste projeto cada bolsista era responsável por tutorar dois(duas) aluno(a)s da terceira série do ensino médio, um(a) aluno(a) da escola CEMGTI Deputado Darcy Marinho e outro(a) aluno(a) da escola Matyk. Nossa responsabilidade era mediar a escrita e a troca das cartas entre esse(a)s aluno(a)s, auxiliando-os nas dificuldades que surgissem ao longo do projeto.

Tivemos sim muitas dificuldades, e uma delas foi que quando foi marcada a visita dos alunos da Escola CEM Darcy Marinho à Escola Matyk, na aldeia, muitos pais de alunos tiveram medo de deixar seus filhos irem na visita.

O que podemos analisar a partir desse fato, é que apesar de morarmos num município cercado por aldeias indígenas, e apesar de vermos diariamente os indígenas na cidade, realizando suas atividades cotidianas sem fazer mal a ninguém ainda está muito presente o preconceito com esses povos. Ainda há muitas pessoas que pensam no indígena como um selvagem, que sentem, antes mesmo de conhecer sua cultura.

Cada tutor tinha que organizar um encontro semanal para atendimento de seus(suas) tutorando(a)s. Os encontros com o(a)s aluno(a)s da escola CEMGTI Deputado Darcy Marinho eram feitos nos horários de disponibilidade comum entre o(a) tutor(a) e tutorando(a), as orientações extras também eram feitas pelo aplicativo WhatsApp e/ou por e-mail, se assim desejassem. Para a escola Matyk saía um carro da UFT, quase que semanalmente, revezando entre os grupos 01 e 02, ou seja, o(a) tutor(a) atendia presencialmente em uma semana o(a) aluno(a) da escola CEMGTI Deputado Darcy Marinho e na semana seguinte da escola Matyk.

O objetivo principal da realização deste projeto, mesmo com vários encontros e desencontros no decorrer das atividades, era que ambos o(a)s aluno(a)s tanto do CEMGTI Deputado Darcy Marinho quanto os da escola Matyk, tivessem a oportunidade de melhorar suas escritas, até porque ocorreu em um período próximo da realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

As dificuldades eminentes dos alunos indígenas Apinajé com base na leitura e na escrita em português colaboraram para essa atenção em torno da produção e da interpretação textual. As realizações do projeto “Troca de cartas”, que foram ações de promoção de um Intercâmbio Cultural, também se tornaram possibilidades de investir em outros aspectos da formação do estudante do Ensino Médio. Essa inovação metodológica ajudou a criar condições de despertar nos discentes o interesse para o mundo da Leitura e escrita e as discussões em torno das diferenças culturais e sociais. Tal projeto, para os alunos da Escola Indígena, permitiu ganhos expressivos no campo do aprendizado da língua portuguesa, além do aprendizado no campo da interculturalidade. (NOGUEIRA, et al. p.17, 2016)

Este projeto visava também que o(a)s aluno(a)s da zona urbana tivessem a oportunidade de conhecer razoavelmente a realidade do(a)s aluno(a)s indígena e vice versa, através das cartas. Ele(a)s não se encontravam pessoalmente, só se comunicavam através das cartas. Na primeira carta ele(a)s se apresentaram, com seus nomes, seus sexos e outras informações pessoais. O assunto das cartas era relacionado aos seus cotidianos, ele(a)s só vieram se conhecer pessoalmente no final do projeto num encontro programado.

Proporcionamos também a realização da visita destes participantes do projeto, em que o(a)s aluno(a)s da escola Matyk fizeram a visita na instituição escolar CEMGTI Deputado Darcy Marinho e posteriormente o(a)s aluno(a)s do CEM fizeram a visita na escola Matyk que fica localizada na aldeia São José, no município de Tocantinópolis – TO.

Albuquerque (2011) afirma que em relação à interculturalidade, se pressupõe que duas ou mais culturas estão, de alguma forma, se relacionando. Tanto uma situação quanto a outra se imbricam na educação escolar. (p.95)

Neste sentido o PIBID das Ciências Sociais, buscou caminhos para promover a interculturalidade entre o(a)s aluno(a)s destas instituições escolares.



Imagem 5: Encontro dos alunos do Darcy Marinho com os alunos da Escola Matyk  
Fonte: Facebook – PIBID Diversidade

## 4 RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO EM UMA DÉCADA

Estudei no Centro de Ensino Médio Deputado Darcy Marinho, nos anos de 2001 a 2005 e retornei à Instituição, em 2015. 10 anos depois, encontrei uma nova escola, agora denominada Centro de Ensino Médio Girassol de Tempo Integral Deputado Darcy Marinho, com conceitos diferentes, um novo modelo de escola, voltada para o futuro profissional do(a)s aluno(a)s e que busca incentivar o(a)s aluno(a)s a escolherem suas futuras profissões, a partir de oficinas ofertadas pela escola.

Neste retorno nessa instituição escolar deparei-me com uma escola diferente em vários aspectos, na infraestrutura, no quadro de funcionário(a)s com novo(a)s funcionário(a)s, novo(a)s professor(a)s, com quase tudo mudado. Observei que o(a)s professor(a)s são bem mais jovens que aqueles de 10 anos atrás, que a escola está muito mais bem equipada, com quadra coberta, salas de aula climatizadas, laboratórios de química, porém, o preconceito e o racismo mesmo velado ainda existe, as pessoas adoram se autodeclarar sem preconceitos porém, na primeira oportunidade que surge fazem uso de comentários, piadas, brincadeiras de cunho racista.

Posso afirmar que enquanto aluno do Colégio Darcy Marinho no período em que estava cursando o ensino médio, sofri racismo e preconceito racial, até porque como já afirmado anteriormente, minha escolarização é marcada por “estigmas”, que é um conceito utilizado por Erving Goffman (1989) e estereótipos, devido minha descendência afro-brasileiro, mas quero especificar principalmente no período do ensino médio em especial no primeiro ano da educação básica.

O(A)s aluno(a)s negro(a)s, de classes populares são estigmatizados pela escola e pela sociedade. O discurso nas escolas é de que todos são iguais, entretanto, parecem esquecer que uma das nossas características como seres humanos é a diferença, portanto, devemos ser tratados de acordo com nossas diferenças.

Lembro-me que nesta época quando estava cursando o primeiro ano do ensino médio no Colégio Deputado Darcy Marinho, a maioria de meus/minhas colegas, não se admitiam negro(a)s ou afrodescendentes, grande parte se auto declaravam moreno(a)s ou pardo(a)s, havia negação muito grande em se assumir negro.

Segundo o pensamento de Frantz Fanon (1952), ocorre uma apreensão do indivíduo negro com o período colonial, isto porque há um desejo de desligamento com a negritude penso e vejo que tudo aquilo que tinha e tem uma certa aproximação com a cultura negra e africana era e é desprezada, era vista como negativa. O que ocorria na verdade, era uma fuga de



identidade devido a questão negra ser vista por uma parcela da sociedade, assim como também pela escola, como aquela que foi escravizada.

Segundo Müller e Santos (2014), “o espaço escolar é o lugar onde se constroem nos indivíduos as solidariedades necessárias para a “cidadania e o convívio social”. Mas também onde se constroem as intolerâncias e o racismo” (p. 87).

Um certo dia, um aluno da mesma serie, mas de outra turma do primeiro ano acostumado com essas práticas racistas através de frases preconceituosas e também com piadas racistas pelo interior da escola aproximou-se de um grupo durante o intervalo e disse “- Vocês só estão aqui hoje, porque a princesa Isabel assinou uma carta para soltar vocês, se não hoje vocês seriam meus escravos”. Este aluno utilizava essa frase no tom de brincadeira, mas, mesmo ele achando que estava brincando, por ele ser branco, entendemos que na verdade era uma maneira dele se julgar superior aos demais aluno(a)s negro(a)s por ser branco e o(a)s outro(a)s negro(a)s.

Neste momento ficamos sem reação, então o que nos vem à mente é tentar ofender o colega no mesmo tom, por exemplo, chamando-o de “branquelo”, pois era a nossa única forma de defesa, até porque era comum esta prática dentro da escola e quando alguém recorria para denunciar este ato para as autoridades superiores da instituição como professore(a)s, coordenadore(a)s e até mesmo a direção da escola, as respostas que ouvíamos era “- E daí? Você não é negro não”, “- Sim sou”, “- Então não importam o que os outros dizem, mas sim o que você é”. Resumindo você é negro e descendente de escravos, então você vai ter que aprender a conviver com as diferenças na sociedade, e aceitar sua realidade.

Um fator determinante para o racismo como ideologia de dominação é a linguagem surgida da prática escravista, da humilhação extrema sobre a pessoa negra. Numa primeira fase os mantiveram a negrada a seu serviço pela força, a partir do momento em que eles não precisaram mais da mão de obra escrava os ideólogos do sistema se encarregaram de fortalecer a ideia de que negro é inferior e portanto, deve se comportar como tal reconhecendo o seu lugar de “Zé ninguém”.

José de Arimatéia Gomes (1989) cita algumas piadas racistas que foram divulgadas por anônimos nas escolas secundárias de Curitiba e em Porto Alegre no ano do centenário da abolição.

- Quando um negro é bonito?
- Quando chega atrasado no serviço e o patrão diz: bonito heim!
- Quando preto é gente?
- Quando está no banheiro e alguém bate, ele responde: tem gente.
- Quando preto voa?

- Quando cai da construção
- Qual se parece mais com um macaco, o preto ou o branco?
- O branco pois o preto é igual
- Quando preto anda de carro?
- Quando vai preso
- Por que o preto não erra?
- Porque errar é humano.
- Por que preto gosta de ser crente?
- Para poder chamar o branco de irmão.
- Quando o preto vai à escola?
- Quando está construindo.
- O que Deus falou quando fez o segundo preto?
- Ih! Queimou de novo.
- Quando um preto toma banho?
- Quando chove.
- Por que o mundo é redondo?
- Para os pretos não cagarem nos cantos.
- Preto parado é suspeito, correndo é culpado.
- Cuidado negrão! A Lei Áurea foi assinada com lápis e pode ser apagada.
- Preto quando senta no banco da frente é motorista, quando senta no de trás pegou carona.

Todas estas frases são piadas muito utilizadas frequentemente, principalmente nas escolas entre os alunos.

É importante destacar que enquanto aluno do CEM Darcy Marinho, tivemos a ausência da disciplina de História e Cultura Negra dentro desta instituição escolar. Enquanto adolescente do ensino médio, isso não tinha muita importância, mas hoje com uma nova maneira de ver a realidade em relação ao racismo, podemos observar o quanto esse assunto é importante. A escritora nigeriana “Chimamanda Ngozi Adichie” com sua narrativa, explica a importância de se ter a presença da “História e Cultura Negra” nos currículos escolares.

“É impossível falar sobre única história sem falar de poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso nas estruturas de poder do mundo; é a palavra “Nkali”. É um substantivo que livremente se traduz: “ser maior do que o outro”. Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do “Nkali”. Como são contadas? Quem as conta? Quando e quantas histórias são contadas? Tudo realmente depende do poder. [...] poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história

definitiva daquela pessoa. [...] A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. [...] A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas a sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes” (ADICHIE, 2012, p.14, *apud* MÜLLER e SANTOS, 2014, p. 91).

A promulgação da lei 10.639/03, tem como base uma ferramenta política pública de ação afirmativa, que busca promover uma mudança nas condições cognitivas, educacionais e conseqüentemente, na realidade pessoal e social da população negra.

Eu, apesar de nunca levar em consideração as piadinhas que faziam comigo, constantemente era alvo delas, por exemplo quando chegava atrasado na sala de aula ouvia de alguns colegas: “Nego quando não caga na entrada caga na saída”, “Tinha que ser negro mesmo”, ou até chamando de "Neguinho", inicialmente como forma de diminuir-me. Com o passar do tempo alguns colegas passaram a se referir a mim como “Negão”, eu acabei levando isso como uma forma de auto afirmação de minha identidade, que acabou naturalizando-se de modo que “negão” também passou a ser um de meus “apelidos”, como também sou conhecido por “Domingos” por alguns(algumas) amigo(a)s próximos.

Dessa forma, atualmente, com meu retorno e de outro(a)s colegas negro(a)s à escola, o(a)s aluno(a)s passaram a se policiar mais na forma como me tratavam, porém, ainda percebia ao passar pelos corredores, em meio ao(à)s aluno(a)s, certos olhares, conversinhas, murmurinhos quando estava debatendo algum assunto na sala de aula, coisas que não percebia quando meus colegas “brancos” estão falando.

Não consigo lembrar de muitos eventos de caráter discriminatórios porque sempre naturalizei esse tipo de situação, isso, de me chamarem de “neguinho”, não gostava, porque sentia de alguma forma o sentido ou o tom da fala como forma de me excluir, mas não podia, nem sabia como evitar, então a forma mais fácil que encontrei para lidar com isso, foi aceitar como uma brincadeira. Porém, agora relembro tais atitudes vejo que eu mesmo contribuí com a disseminação do preconceito racial contra mim, exatamente por ter aceitado e naturalizado tais atitudes.

Apesar de eu não ter levado em consideração as piadas e brincadeiras, por ter naturalizado muito essa questão, vejo que mesmo de forma velada, o preconceito e a discriminação racial aconteceram, e continuam a acontecer.

Nas peças teatrais, por exemplo, numa apresentação de trabalho eu, como também outros(a) colegas de pele negra, eramos sempre chamados para fazer papéis inferiores, como na maioria dos eventos da escola as turmas eram divididas por temas, o(a)s aluno(a)s tinham

que se caracterizar, algumas vezes encenar para a apresentação a comunidade, algo a se destacar neste tipo de evento é que mesmo velada, a discriminação sempre existiu, aqui, representada no papel que o(a)s aluno(a)s apresentariam, o(a)s aluno(a)s negro(a)s, sempre tinham o papel dos escravizados, mendigos, lavradores, etc., exceção de poucos que representavam um autor literário, um músico etc.

Era fato que toda vez que haveria um evento, o(a)s aluno(a)s negro(a)s eram recrutados para esses papéis, não havia muita escolha, levando pelo ponto de vista de que os escravizados no Brasil eram em sua maioria negro(a)s, serem escolhidos, porém o estereótipo ficava entre o(a)s aluno(a)s, sempre levei na brincadeira, isso nunca deixou de ser algo marcante, porque não poderíamos atuar em outros papéis, com outro(a) personagens, tínhamos outros talentos, queríamos aparecer também de outra forma, mas todos os anos estávamos como o grupo dos “excluídos” socialmente.

Diante de tantas mudanças em relação a estrutura física da escola e por sua vez os eventos e atrativos da mesma, vale aqui destacar alguns pontos que sempre foram marcantes para o(a)s aluno(a)s, hoje egressos,

A partir do que vivenciei nesta escola, o que se pode notar é que o preconceito racial vem sendo construído socialmente, é algo que não nascemos com ele, nos é ensinado. Nos é transmitido através de palavras e atitudes, e estas são reproduzidas e transmitidas para a sociedade, o que causa o que temos hoje, uma sociedade racista e preconceituosa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral fazer uma análise e reflexão acerca das relações raciais no ambiente escolar, baseadas em minha experiência pessoal, primeiramente enquanto aluno e, retornando mais tarde, como universitário do curso de Ciências Sociais e bolsista do PIBID, da UFT, Campus de Tocantinópolis, no Centro de Ensino Médio Girassol de Tempo Integral Deputado Darcy Marinho, da cidade de Tocantinópolis - TO, entre os anos de 2001 e 2015.

Buscamos analisar de que forma o racismo estava presente nesta instituição escolar, entre o(a)s aluno(a)s e professore(a)s, assim como se essa questão, do racismo, era trabalhada na sala de aula entre os anos de 2001 e 2005, anos que realizei o ensino médio, e o que mudou em relação a este assunto, como essa questão vem sendo trabalhada hoje? De que forma o(a)s professore(a)s trabalhavam a questão da diversidade étnico-racial nesta instituição antes e atualmente.

Através do desenvolvimento deste trabalho, verificou-se que entre os anos de 2001 e 2005, a diversidade étnico-racial era trabalhada, mas de forma isolada, somente na sala de aula, de acordo com o que estava nos livros didáticos de história, ou seja, eram trabalhadas superficialmente em algumas datas comemorativas, tais como 13 de maio, data da Abolição do Trabalho Escravo no Brasil e 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra.

Apresentamos no desenvolvimento deste trabalho alguns exemplos de piadinhas que eram, e ainda são expressadas constantemente nas salas de aula e nos corredores daquela escola, brincadeiras preconceituosas que mexem com a autoestima do(a)s aluno(a)s, sendo assim, corriqueiras.

O(A)s profissionais desta instituição devem estar cada dia mais preparados para futuros imprevistos aos quais possam estar presenciando. Em nossa cultura poderíamos enumerar uma grande quantidade de piadas e termos que mostram como a distinção racial é algo recorrente em nosso cotidiano. Quando alguém se auto define de pele negra, muitos se sentem deslocados, constrangidos. Parece ter sido dito algum tipo de termo estranho, ou algum palavrão. Muitos pensam que alguém só é negro quando tem pele “muito escura”. Com certeza, esse tipo de estranhamento e pensamento não é inexplicável. O desconforto, na verdade, denuncia nossa dúvida diante da ideia da diversidade racial existente em nossa sociedade.

Sabemos que as discriminações raciais existem, são reais e devem ser encaradas como fatos que precisam ser combatidos e resolvidos. Não basta tentar disfarçar ou fingir que ela não

existe, pois assim, ao tentarmos esconder a realidade, colaboraremos para o crescimento do preconceito, do racismo, dos estereótipos e das discriminações sociais.

Destacamos, dentre os resultados obtidos, que ao retornar a esta instituição, dez anos mais tarde, em 2015, nos deparamos com uma nova escola, com algumas mudanças, as questões raciais passaram a ter uma importância maior dentro dela, passou a ter uma maior visibilidade, o que pôde ser notado no decorrer do ano letivo, durante a programação de eventos realizados pela escola.

Um bom exemplo, foi a semana do dia 20 de novembro, que passou a ser comemorado durante toda a semana, com a organização de eventos pelos alunos, como palestras, com caminhadas, com festival de talentos, com desfiles com trajes específicos da cultura negra, com exposição de comidas típicas, dentre outros, o mais importante, foi que esses eventos ultrapassaram os muros da escola e voltaram-se para a comunidade em geral. Porém, apesar destas novas mudanças positivas, os velhos hábitos permanecem presentes, como por exemplo, as piadinhas nos corredores, os olhares diferenciados para com colegas e professore(a)s negro(a)s.

Apesar das mudanças, entendemos, a partir das análises até aqui desenvolvidas, que o estudo sobre as relações raciais na escola precisa partir de um projeto de ensino, mediante a elaboração e desenvolvimento de políticas educacionais e curriculares, voltadas para este assunto.

Notamos que há uma grande ausência do conhecimento docente a respeito do tema. Embora se reconheça a importância de trabalhar o respeito racial na sala de aula, este ainda é um assunto mediado pelo preconceito. Podemos perceber que nem sempre a comunidade escolar está consciente e preparada para compreender e enfrentar os problemas gerados pelos preconceitos vividos dentro da escola. A escola assim como pode propagar a desigualdade, também pode trabalhar para desmistificar o racismo, isso é possível através de ações afirmativas voltadas para essa questão, como já vem sendo feito, por exemplo com a política de cotas.

Sabemos que as questões apontadas aqui, não estão presentes apenas nas escolas. Pois, as crianças e adolescente de modo geral, crescem num mundo dominado e estruturado por adultos, que são formados em suas famílias, em instituições civis e pela ideologia da sociedade que os cercam. Assim, vão incorporando um conjunto de valores e crenças culturais que manifestam no dia-a-dia a forma de ser e agir da sociedade e dos grupos sociais aos quais pertencem e que estão inseridos.

Sendo a educação utilizada como um aparato ideológico da sociedade, e, sendo esta discriminatória e excludente, o ambiente escolar acaba por ser um espaço onde se propagam o preconceito e a discriminação. Porém, este espaço não é o único.

Pequenas discriminações existem em qualquer lugar. A discriminação racial existe profundamente enraizada na personalidade dos jovens e também de suas famílias. Observa-se que a criança branca e de classe média já vem condicionada a não relacionar-se com uma criança negra. (SILVA, 1995)

Para finalizar utilizaremos uma declaração da Dr<sup>a</sup> Edialede Salgado do Nascimento, para mostrar que ainda há muito que ser feito, e que depende de cada um de nós, para que as mudanças ocorram, precisamos buscar conhecimento, e ampliá-lo

De alunos de uma Escola de Educação, como os senhores, esperamos que não cessem as suas buscas de informações sobre o tema aqui em discussão, para que possam levar a seus futuros alunos uma visão ampliada, e sem preconceitos. E mais, esperamos dos senhores que se tornem agentes da transformação que sonhamos para o nosso país, que não pode estar isolado, mas aliado à luta dos países africanos, vítimas do passado, e no presente, da cobiça desmedida dos que se julgam superiores, e por esta razão, podem espoliar os povos africanos de suas riquezas naturais, fomentar guerras fratricidas, que diziam as populações, e assim facilite que se assenhem daquelas terras e bens (NASCIMENTO, 2002)

## 6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edvirges. **A EDUCAÇÃO ESCOLA APINAYÉ NA PERSPECTIVA BILÍNGUE E INTERCULTURAL**. RBPG, Brasília, supl. 1, v. 8, dezembro 2011. Disponível em:

<http://ojs.rbpg.caps.gov.br/index.php/rbpg/article/view/255/244>. Acesso em: 10 novembro 2020.

BOUDON, Raymond (org.). **DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

BRASIL. **DECRETO 6755 de 27 de janeiro de 2009**. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. **PROGRAMA ÉTICA E CIDADANIA: construindo valores na escola e na sociedade: relações étnico-raciais e de gênero**. organização FAFE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP), F. Araújo... [et al.]. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **RACISMO E ANTI-RACISMO NA EDUCAÇÃO: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

CONCEIÇÃO, W. S.; SOUSA, M; FRANCA, Y. P.; MACHADO, L. M.; COSTA, L. O. Exposição "afro representatividade - literatura e música": educando para desnaturalizar preconceitos. In: AIRES, B. F. C.; FREIRE, J. S. E.; BISPO, M. O.; PADOVAN, R. C.; SILVA, V. L. A. G. (Org.). **Contribuições do PIBID** - Universidade Federal do Tocantins para a educação básica: experiências e práticas pedagógicas. 1ed.Palmas: Nagô editora, 2017, v. 1, p. 13-23.

FANON, Frantz. **PELE NEGRA, MÁSCARA BRANCA**. Salvador, EDUFBA, 2008.

GOMES, José de Arimatéia. **O RACISMO COMO IDEOLOGIA DE DOMINAÇÃO**. Curitiba, 1989.

\_\_\_\_\_. **TRAJETÓRIAS ESCOLARES, CORPO NEGRO E CABELO CRESPO: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** n.21, pp.40-51. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>. 2002.

HALL, Stuart. **A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE** (11ª. Edição). São Paulo: DP&A. 2006.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; SANTOS, Jorge Luís Rodrigues dos. **A Presença/ Ausência da História e Cultura Negra na Escola**. In: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; COELHO, Vilma de Nazaré Baía (Org.). **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DIVERSIDADE** – Niterói: Editora da UFT, Alternativa, 2014.



MUNANGA, Kabengele (org.) – **SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA**, 2ª edição. Ministério da Educação, Secretaria da Educação e Diversidade, 2005.

\_\_\_\_\_ Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In:

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SOBRE O NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA. Org. André Augusto P. Brandão. Niterói, EdFF, 2000.

\_\_\_\_\_ **REDISCUTINDO A MESTIÇAGEM NO BRASIL: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

NASCIMENTO, Abdias do. **O QUILOMBISMO**. Brasília/ Rio de Janeiro. 2ª edição Fundação Palmares/- OR Editor Produtor Editor, 2002.

NASCIMENTO, Edialeda. **O NEGRO NA CONSTITUIÇÃO DO BRASIL**, 2002

OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral de. **A QUESTÃO RACIAL NA ESCOLA**. Universidade Estadual Norte do Paraná, 2011.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. **RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PESSOA NEGRA**. *Pesqui. prá.* Psicossociais vol.9 n.º.2 - São João del-Rei – dezembro, 2014.

RAMOS, Aline Oliveira; SANTANA, Marise de; SANTANA, José Valdir Jesus de. **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: reflexões a partir de uma escola pública no município de Itapetinga/BA**. *Educação, Gestão e Sociedade*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 1-32, jun. 2011.

SANTOS, Joel R. **A QUESTÃO DO NEGRO NA SALA DE AULA**. São Paulo, Ática, 1990.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez editora, 2007.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Pode a Educação Prevenir Contra o Racismo e a Intolerância?** In: **REUNIÃO PREPARATÓRIA PARA CONFERÊNCIA MUNDIAL CONTRA RACISMO, XENOFOBIA E DISCRIMINAÇÃO CORRELATA**. SP, 2001.

SOUSA, Carlos Antônio de Oliveira. **REPENSANDO O TURISMO EM TOCANTINÓPOLIS: Críticas e Possíveis Viabilidades**. Editora Kelps, 2007

\_\_\_\_\_ **TOCANTINÓPOLIS: 150 Anos de Urbanização**. Editora Kelps, 2008

\_\_\_\_\_ **TOCANTINÓPOLIS ESPORTE CLUBE: 20 Anos de glórias e vitórias**”, Editora Kelps, 2009

TARDIF, M. **SABERES DOCENTES E FORMAÇÃO PROFISSIONAL**. 11º edição. Petrópolis, Vozes, 2010.